EDITORIAL

O tempo dos braços baratos nunca terminam

A Revista Entre-Lugar apresenta a todos/as o segundo número de 2023, sua vigésima oitava edição, publicada no outono de 2024 em razão da incompatibilidade dos tempos da vida e do fazer. A publicação é resultado do empenho dos/das autores/as, dos/das pareceristas e do apoio técnico recebido da Coordenadoria de Bibliotecas da UFGD. No segundo semestre de 2023 o Portal de Periódicos da UFGD migrou, passando a vincular-se à Coordenadoria de Bibliotecas da UFGD, sob a supervisão de Givaldo Ramos da Silva Filho, o qual tem sido essencial para manutenção e gestão da plataforma OJS no âmbito da UFGD. Momento no qual também houve um período para atualização e manutenção do sistema. Esse é assim o primeiro número da REL editorado sob essa nova estrutura organizacional, a qual visa manter e mesmo ampliar a qualidade e o funcionamento do portal de periódicos. Esse empenho institucional, coletivo, se faz importante para manter a existência e a qualidade da REL, por isso sempre insistimos em registrá-lo.

Início este editorial tratando sobre um trabalho silencioso, discreto e fundamental para manutenção da qualidade das publicações da REL, a revisão técnica-científica dos artigos, nessa edição realizada por Amanda Trindade Amorim, pesquisadora, pós-doutoranda, do Programa de Pós-Graduação em Geografia. A revisão técnica-cientifica é um trabalho minucioso; conferir, corrigir e mesmo adequar padrões formais da língua, das figuras, das tabelas e dos quadros, averiguar as referências citadas, envolve dedicação e capricho – tenham certeza não é algo fácil ou mesmo prazeroso, mas é extremamente necessário. Ouso escrever que essa experiência deveria ser obrigatória para quem se dedica à pesquisa, afinal, no cotidiano do fazer somos levados a enviar artigos para periódicos. Agradeço portanto a *Amanda* por se dedicar e ficar responsável por essa tarefa nessa edição.

A capa foi elaborada em parceira com o professor Rafael Brugnolli Medeiros, do curso de Geografia, o qual também assina como coautor um dos artigos. Nela Eduardo Galeano se faz presente, e, também os tempos de braços baratos, e como são muitos ainda, infelizmente. A frase que ilustra a capa dessa edição, juntamente com figuras retiradas dos textos, é deste autor cujas ideias nos faz tão necessárias para nos auxiliar e compreender o Entre-Lugar.

Ao escrever "As veias abertas da América Latina"[1], a primeira edição foi lançada em 1971, Galeano, autor uruguaio, de forma visceral deixou nu os aspectos históricos-sociais que envolvem o cenário de desigualdade social e mesmo pobreza econômica que insieste muitas vezes ser o viés de caracterização dessa região do mundo, no qual a riqueza sempre se apresenta ao estrangeiro não ao autóctone latino-americano.

A primeira vez que tomei contato com essa obra foi no início de minha graduação, no início da década de 1990, era uma referência obrigatória na área das Ciências Humana, portanto da Geografia. A memória me trai e não tenho grandes lembranças do contexto que a li. A edição citada nesse momento é 1983, portanto antecede o fim da ditatura militar no Brasil, foi publicada pela Editora Paz e Terra. Para escrever esse editorial pesquisei sobre a editora, ainda em funcionamento e pertencente ao Grupo Editorial Record: (www.record.com.br/editoras/paz-terra/). Surgida na década de 1960 com nome inspirado pela encíclica papal *Pacem in Terris*, nascida na resistência democrática, a editora estruturou-se em torno da defesa da liberdade de pensamento e do direito ao diálogo. No conselho editorial atuaram nomes como Antonio Candido, Celso Furtado, Fernando Gasparian e Fernando Henrique Cardoso, esses citados nas páginas iniciais. Na segunda década do século XXI isso se apresenta muito longe, tão distante, mas vejo que tem grande significado. O livro em questão, a edição que estou comentando, fazia parte do acervo da professora Silvana de Abreu, a qual se dedicou por mais de 30 anos ao universo do ensino público, uma das fundadoras da UFGD. O livro ficou no seu gabinete quando de sua aposentadoria e me apossei dele como uma lembrança de sua presença, nele há páginas carimbadas com seu nome (em um vermelho vivo), grifos e suas anotações, as quais tornam o exemplar ainda mais instigante. Na página 73, escrito a lápis, com sua caligrafia, está seu nome e o seguinte trecho grifado também a lápis:

> "Quanto maior cobiçada pelo mercado mundial, maior é a desgraça que um produto traz consigo ao povo latino-americano que, com sacrifício, o cria". Galeano (1983, p. 73)

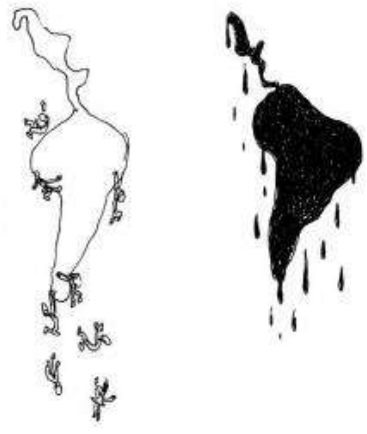
A frase foi lida por mais de uma vez, fiquei a pensar sobre ela, na sua atualidade; logrei a pensar imediatamente no meu entorno, na minha realidade; em todo complexo agroexportador de *commodity* (soja) presente no território que habito a quase 17 anos - cheguei no Mato Grosso do Sul no dia 02 de agosto de 2006, uma quarta-feira. Pensei

[1] Galeano, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. 18ªEdição. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 1983. A obra é de fácil acesso na rede mundial de computadores, a Internet, os/as interessados/as poderão ter acesso a inúmeras edições, essas publicadas em diversas línguas.

também no lítio, em grande parte em razão daquilo que envolve sua extração em países como Bolívia, Chile e Argentina, e o jogo de poder envolvido nas discussões sobre a matriz energética mundial – mais uma vez Galeano está correto, vejo que o Entre-Lugar se dá na articulação do local em contraposição com o global.

De forma delicada e com certa admiração, ao escrever esse editorial, me detive a passar mais algumas páginas; na página 109, essa com muitas anotações da antiga dona do livro, há o trecho dedicado a oligarquia do café no Brasil, esse escrito de forma elegante. Mesmo que de forma breve, mas com uma precisão impecável, o autor (Galeano) comenta sobre o avanço da cultura (café), primeiro no Rio de Janeiro, e, depois para São Paulo e outros lugares do país. Nessa leitura não pude deixar de me lembrar de Pierre Monbeig, geógrafo francês, erradicado no Brasil, cujo livro "Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo[2]" também foi referência de minha formação. Talvez seja por que vivi tantos anos na Depressão Periférica Paulista, entre as Cuestas Areníticas Basálticas e seus relevos testemunhos e paredões, local onde ainda hoje podemos nos deslumbrar com alguns casarões e terreiros de café, locais nos quais o tempo nos parece intacto, assim como a desigualdade.

Apreciador de café que sou, habito que assumi na vida adulta, por volta dos 30 anos, me detive, Galeano por mais uma vez transpassou minha história recente:



América Latina sangra. Desenhos de Tute para a reedição do clássico de Eduardo Galeano, publicado inicialmente no jornal argentino Clarin.

"O latifúndio do café invadiu a vasta meseta púrpura do oeste de São Paulo, com métodos de exploração menos bestiais, converteu-a em "mar de café", e continuou avançando para oeste. Chegou às ribeiras do Paraná; à frete das savanas de Mato Grosso, desviou-se rumo ao sul para deslocar-se nestes últimos anos, de novo rumo a oeste, já por cima das fronteiras do Paraguai."

Galeano (183, p. 110).

[2] MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. Tradução Ary França e Raul de Andrade e Silva. São Paulo: Hucitec/Polis, 1984. A obra é de domínio público e está disponível para download na rede mundial de computadores, a Internet.

A área descrita por Galeano como Mato Grosso, hoje, é o sul de Mato Grosso do Sul, área marcada pela fronteira com o Paraguai e mesmo os estados de São Paulo e Paraná. O local no qual, em pleno século XXI, é palco de registros de conflitos pela posse da terra e violência, essa sofrida pelas comunidades indígenas em razão de suas lutas para o reconhecimento de seus territórios e o direito a dignidade, a final se pensarmos na *commodity* (soja), *quanto maior cobiçada pelo mercado mundial, maior é a desgraça* aos que estão nas áreas produtoras, nelas estão os impactos negativos advindos de sua produção. Fico sempre a pensar, na concentração dos ganhos econômicos e na socialização dos impactos negativos no âmbito social e ambiental - a de existir outros modelos de desenvolvimento, devemos continuar nesse trajeto de pensar que há outras possibilidades.

Nesse pensar, onde não há mais café, as vezes tomando café, me permito a refletir sobre as fragilidades existentes na escolha por monoculturas e/ou por uma economia baseada quase exclusivamente na produção de *commodity* para exportação, na concentração de renda e terras, no impulso e lastro dado capital financeiro; em meio a isso o meu olhar de geógrafo quase sempre não me traz otimismo a longo prazo. Se no passado o modelo foi concentrador e gerador de desigualdade, no presente não há diferenças, o *modus operandi* é o mesmo, hoje é o tempo dos braços baratos da *commodity* (soja). Ler Eduardo Galeano ainda me parece uma obrigação, é e será uma tragédia os/as jovens pesquisadores/as, muitos deles leitores e leitoras, autores e autoras da REL, desconhecerem esse ser humano e sua obra. O convite fica registrado.

As leitoras e aos leitores são apresentados textos inéditos, oriundos de pesquisa realizadas em diversas partes do Brasil; nessa edição estão registradas as regiões sudeste, nordeste e centro-oeste. Temas diversos, que demonstram a diversidade dos estudos geográficos e suas áreas correlatas. Como a Geografia tem se demonstrado diversa e plural. Agradeço assim aos autores e as autoras por escolherem a REL para publicarem os resultados de suas pesquisas.

Sobre os artigos, me permitam agora falar um pouco sobre os textos recebidos e aprovados no fluxo continuo. O artigo **"Geografia da resistência LGBTQIA+ no Brasil"** discuti a trajetória do Movimento LGBTQIA+ brasileiro a partir de uma perspectiva histórico-geográfica, faz uma abordagem socioespacial e socioterritorial desse movimento tão diverso e relevante que se vincula a temática dos direitos humanos e cidadania no Brasil, no qual a escala geográfica se apresenta viva e potente.

Em seguida apresentamos **"Geografia e Turismo: seus desdobramentos no estado do Maranhão"**, nele se observa como pensamento geográfico possibilita

evidenciar as dinamicidades na sociedade e mesmo incidências que o Turismo podem ocasionar nos territórios, isso com implicações econômicas, culturais e políticas, tomando como base o território maranhense. Destaca a importância do poder público como um agente central no processo de transformação e diminuição das desigualdades sociais, isso tendo o Turismo como uma das possibilidades de desenvolvimento local.

Na mesma linha, em seguida, temos **"A produção do lugar turístico em Bonito – Mato Grosso do Sul"**, o terceiro texto busca demonstrar a configuração de um lugar turístico, tornando visíveis os agentes responsáveis por essas mudanças, além de analisar as alterações do modo como sujeitos percebem a paisagem e, assim, se apropriam dela enquanto fonte de lucro ou como meio de sobrevivência através do trabalho assalariado ou informal. Apresentando diferentes elementos, sujeitos, dinâmicas e práticas coexistem em meio às contradições de seus próprios interesses, sejam eles marginalizados ou hegemônicos.

Por sua vez, "**Paisagens fílmicas, discursos espaciais e viagem: Geografia e Turismo em, Até a próxima vez**, o texto que se segue, apresenta também um diálogo buscando aproximações entre a Geografia e o Turismo, agora tendo como objeto de análise a linguagem e os elementos fílmicos de Maria Helena Costa, isso por meio da interpretação da intertextualidade, a locação, a estrutura narrativa e a paisagem do filme "Até a próxima vez". A leitura permite evidenciar que os discursos geográficos apresentam o Peru a partir de estereótipos e com um olhar turístico fundamentalmente eurocêntrico, nele o Entre-Lugar é do outro e não do autóctone.

O quinto texto a compor a coleção, "**Mapeamento de índices de erosão pela cobertura da terra na microbacia do Ribeirão Guaiuvira em Pompeia-SP",** um trabalho de aplicação, o uso de técnicas de geoprocessamento e SIG na análise e gestão do território, nele a relação sociedade-natureza se apresenta nos impactos ambientais negativos, materializados nas ocorrências de erosões em áreas de solo exposto e pastagens degradadas.

O sexto texto visa discutir a curva de crescimento da diminuição no número de propriedades agrícolas no estado do Paraná, fenômeno que não é particular do Brasil, evidenciado em outros países. Demonstra que o acesso a propriedade agrícola está beirando um caráter mítico, que o cerceamento crescente mantém relações diretas com o viver na periferia das cidades, "**Adeus camponesa: o exaurimento da propriedade e a concentração fundiária no Paraná",** nos instiga portanto a pensar sobre o modelo de desenvolvimento predominante vigente.

O incentivo à pesquisa é perseguido pela REL, e nesse sentido apresentamos a Nota de Pesquisa, **"Territorialidades de Fronteira(s): uma análise da realidade socioespacial de Porto Murtinho (BR)/Peralto Carmelo (PY) a Fuerte Olimpo (PY)"**, a qual traz análises e observações acerca de um Trabalho de Campo realizado no ano de 2023 na fronteira entre Brasil-Paraguai, no trecho da zona de fronteira, envolvendo docentes e discentes do PPGG-UFGD. A experiência retrata com riqueza o Entre-Lugar marcado pelo tempo das águas e da diversidade sociocultural, da interculturalidade na qual o limite fronteiriço político muitas vezes perde a significância. Nela *a fronteira do Estado, para além de sua demarcação na linha/limite internacional, por meio das políticas de cidadania, pode ser observada em diferentes perspectivas e intensidades*.

A edição é finalizada com a Resenha do livro "**Ensino de Geografia e Climatologia: novas formas de dialogar em tempos de isolamento social"** obra publicada no ano de 2022, a qual trata do processo ensino-aprendizagem no tempo-pandêmico. Um relato dos mais interessantes sobre atividades que foram desenvolvidas durante a pandemia visando minimizar a evasão escolar e o processo de ensino-aprendizagem. Na obra se vê possibilidades de um hibridismo no qual as tecnologias são ferramentas uma ponte para a reconstrução e reformulação do entendimento dos conceitos geográficos

Desta forma o segundo número de 2023 da Revista Entre-Lugar apresenta aos seus leitores e leitoras por mais uma vez textos inéditos, oriundos de pesquisa realizadas em diversas partes do Brasil, por vezes áreas e temas ainda pouco conhecidas e estudados, que carecem de compreensão maior por toda a sociedade. A REL prima por esse ideal, ser um ambiente a permitir o florescimento de ideais e ideais.

Aqueles e aquelas que chegaram até aqui, como sempre, registro os agradecimentos. A mensagem final permanece inalterada; que o conhecimento científico seja sempre aquele a descortinar o achismo e a ignorância, aquele a eliminar os dogmas e o fanatismo. Que a poesia, a literatura, a arte e outras formas de expressão nos ajudem a ir além da lógica e da racionalidade formal, para com isso sermos mais humanos – inclusive para compreendermos com clareza a importância e o papel social da Ciência. Cada vez mais isso nos parece essencial e reforça os princípios editoriais da REL.

Que possamos incrementar, incentivar e fomentar o desejo por publicar, por se fazer ciência no Brasil, e não esqueçamos da poesia:

“No fim da tarde, nossa mãe aparecia nos fundos do quintal:

Meus filhos, o dia já envelheceu, entrem pra dentro.”

(Manoel de Barros)

Charlei Aparecido da Silva

Editor da Revista Entre-Lugar

Dourados (MS), início do outono de 2024, mesclado com tantas lembranças de outras estações e de toda uma vida. Á Fabia Alves da Silva, minha irmã, *in memoriam*. Os invernos serão mais longos e difíceis, os verões menos intensos e as primaveras me parecerão menos floridas, ainda mais quando olhar os girassóis, sejam eles de Van Gogh ou não.

Artigos

V. 14, n.28, 2023 - ISSN 2176-9559
REL/DOI 10.30612